

Ora, será possível, depois de tudo o que ficou dito acima, uma autêntica atitude religiosa, na convivência com a «cultura da banalidade», tal como foi descrita? Parece-me bem que não. Eu explico.

As soluções fáceis e ilusórias constituem forte tentação de uma diluída religiosidade, na era da banalidade. Proliferam, assim, os recursos ao religioso como estratégia de compensação de medos, de limites ou das mais variadas necessidades (de que não estão ausentes as financeiras); recursos com vista a uma satisfação imediata das mesmas, pela via mais barata. A religião é, assim, funcionalizada e utilizada para satisfação própria. As soluções apresentadas, porque falsamente harmónicas e demasiado fáceis, tornam-se ilusórias, constituindo, ao nível da religiosidade, o correspondente aquilo que determina a banalidade geral.

Utilizada para satisfação de necessidades individuais — normalmente típicas da sociedade de consumo — a atitude religiosa da «era da banalidade» alheia-se à verdadeira realidade e ao compromisso de transformação da mesma. O sujeito individualista torna-se no seu critério último, o qual acaba por ser absorvido nos mecanismos anónimos e abstractos do próprio consumo de fruição. A religiosidade correspondente à «era da banalidade» afirma-se, assim, completamente contrária ao critério do *outro concreto sofrendor*, como critério de avaliação da sua própria verdade.

Recorrendo, precisamente, a esses critérios, tal como foram acima enunciados — e que me parecem irrecusáveis, sob o perigo de graves danos para a própria Humanidade — torna-se urgente denunciar a era da banalidade, assim como a correspondente religiosidade. Essa denúncia constituirá, simultaneamente, um alerta para a complexidade da realidade, em todas as dimensões, e para a constante interpenetração das mesmas (o que nos conduzirá para além da dicotomias entre autonomia / heteronomia, transcendência / imanência, sagrado / profano, etc.). Alerta que implica um profundo compromisso no interior da realidade real, pela transfiguração da mesma — precisamente a atitude contrária à que predomina na «era da banalidade». A dimensão profética da fé cristã é, como muitas vezes na história, convocada a fazer ecoar a sua voz, mesmo que isso possa parecer anacrónico ou mesmo que essa voz pareça perder-se no ruído constante que a circunda. Mas a leitura cristã dos sinais dos tempos pode passar pelo anúncio do autêntico *kairos*, como crítica de um *kronos* enredado em si mesmo — terá que ser, muitas vezes, *an-acrónica* (isto é, não cronológica) para ser *escato-lógica*, ou seja, segundo o logos do *eschaton*, da plenitude que revela a verdade e julga.

JOÃO DUQUE

Que grandeza a da monarquia davídico-salomónica?

Estudar o período salomónico em Israel durante os períodos dos reis David e Salomão torna-se extremamente interessante, sobretudo do ponto de vista arqueológico, pois uma investigação deste género, ao obrigar-nos ao confronto com o texto bíblico, afigura-se, no mínimo susceptível de surpresas.

Existem três tipos de fontes para estudar este período chave na história do Israel bíblico: o texto massorético, as fontes extra-bíblicas (como a inscrição de tel-Dan), e os vestígios arqueológicos. Destes últimos importa considerar em detalhe os vestígios arquitectónicos, no quadro das problemáticas relações estratigráficas entre os diferentes níveis desses vestígios, de modo especial no que toca ao caso complicado de Meggido.

A monarquia salomónica pode considerar-se de uma forma geral o sistema político vigente na Palestina durante os reinos de David e de seu filho Salomão, que se prolongou por um arco de tempo de cerca de um século, que vai de David até à divisão do reino de Salomão em 925 a.C. Este é o dito período da monarquia unida em Israel, a era do fausto, do esplendor, da *Aufklärung a priori do Israel de Deus*, e que arqueologicamente corresponde ao período da Idade do Ferro IIA (Ferro IIA). Apesar deste deslumbramento iluminista (testemunhado pelo menos pelo texto bíblico), as fontes extra-bíblicas permanecem algo silenciosas sobre o brilho que estes dois reis deixaram em Israel. É, com efeito, um período muito bem documentado pelas fontes escritas, descrito aliás ao pormenor. Ora, tudo isto obriga a arqueologia bíblica ao confronto textual, em nome da seriedade do trabalho de investigação. Não se pode descurar o texto bíblico como a fonte principal de informação. Importa, na verdade, reconstruir arqueologicamente este período da história do povo bíblico

desideologizadamente, sem paixões, mantendo as devidas competências metodológicas, e sem medo do uso da investigação arqueológica na reconstrução da história bíblica no período áureo da sua visibilidade, conscientes da fragmentação das fontes, da informação. Neste caso presente, a arqueologia «tem um papel algo diferente do que para períodos anteriores. Para além do seu maior objectivo ... permanece um instrumento de verificação, de iluminação, e de suplemento face ao texto escrito»¹.

As fontes do A.T. descrevem-nos o período monárquico israelita, e o salomónico em particular, em termos de grandeza. A monarquia unida em Israel permanece unida porque os seus reis conseguem viver em paz e prosperidade. É um tempo grande, de riqueza e de bem estar. No entanto, o que nos deixam ver os achados arqueológicos mais recentes? Haverá contradição? Qual o significado da rarefacção residual material? Não se pode igualmente esquecer que o séc. IX a.C. não apresenta praticamente vestígios de destruições, o que à partida facultaria uma maior preservação da cultura e dos monumentos. Por outro lado, devido ao facto de estarmos perante um período da história de Israel relativamente calmo e de uma certa continuidade, torna-se difícil estabelecer qualquer diferença específica e característica entre as peças de cerâmica distintivas de cada um dos séculos X e IX a.C. Logo, num período de cerca de um século como este, e ainda que úteis, os vestígios arqueológicos artefactuais não constituirão um factor decisivo² na caracterização deste período régio da história em Israel. O que realmente constitui a marca distintiva deste período são os rastros arquitectónicos, dentre os quais é obrigatório analisar a forma de construir em casamata as paredes/muros das cidades, os portões em forma de ócupla ou sêxtupla de dente, os edifícios, a urbanização das cidades e aldeias, a alvenaria silhar, e os palácios construídos no séc. X a.C., isto é, as fortificações de Salomão, as portas de entrada nas cidades e os serviços administrativos.

Dando crédito à narrativa de 1 Re 9, 15-19, as evidências arqueológicas das quatro grandes cidades reais têm de ser tidas em conta. Dado que nenhuns vestígios arqueológicos de relevo deste período foram desco-

¹ MAZAR, Amihai - *Archaeology of the Land of the Bible 10000-586 BCE*. New York: Doubleday, 1992, p. 368; cf. TOORN, Karel van der - *Currents in the Study of Israelite Religion*. *CR:BS* 6 (1998) 12; NA'AMAN, Nadav - *The Contribution of Royal Inscriptions for a Reevaluation of the Book of Kings as a Historical Source*. *JSOT* 82 (1999) 4-6. 16.

² Ver a perspectiva oposta de HOLLADAY, John S. - *The Use of pottery and other diagnostic criteria from the Salomonic Era to the Divided Kingdom*. In *Biblical Archaeology Today*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993, p. 87.

bertos em Jerusalém³ (devido a factores que ultrapassam o âmbito arqueológico-científico, como os factores políticos), e visto que os factos e as interpretações sobre Hazor e Gézer tendem a ser consensuais entre a maioria dos investigadores⁴, resta-nos analisar em pormenor a problemática surgida à volta da disputadíssima estratigrafia de Meggido, bem como analisar o modo como os arqueólogos deslocam os edifícios de um século para o outro! Na verdade, as relações estratigráficas no caso particular de Meggido são de capital importância. E a chave para tentar resolver os enigmas das diversas interpretações reside no lugar a dar e a datar o dito e conhecido Palácio 6000.

1. O fundo histórico-escriturístico

O reino de David poder ser apreciado como um reino imperialista e colonial, na medida em que durante o seu reinado as fronteiras e a extensão geográfica de Israel atingiram o seu máximo. No entanto, esta situação não durou muito, pois espartilhou-se na divisão do reino após a morte de Salomão: Israel no norte e Judá no sul. David chegou ao poder após a morte de Saúl no monte Gilboa (1 Sam 31; 1 Cron 10). Foi colocado como governante de Hebron (2 Sam 5,4; 1 Cron 11, 1-9; 14, 1-7). Conseguiu conter as investidas dos filisteus (2 Sam 5,17-25; 1 Cron 14, 8-17), conquistou a Jerusalém jebusita (2 Sam 5, 6-9) para ser a capital do reino, e trouxe a Arca para a nova cidade santa (2 Sam 6; 1 Cron 13, 1-14; 15, 25-16, 6.43). Jerusalém era, com efeito, uma boa escolha, devido à sua localização central e geograficamente neutral face a todas as tribos de Israel. Era, também, um lugar bem situado para ser defendido, um local difícil de ser conquistado. Por isso, reunia todas as condições para se tornar a cidade de David. Ora, foi esta cidade que Salomão herdou como a capital do reino...⁵

³ Cf. STEINER, Margreet - *The Archaeology of Ancient Jerusalem*: *CR:BS* 6 (1998) 143-168, esp. p. 144. 151. 154; cf. BAHAT, D. - *Was Jerusalem really that large*. In BIRAN; AVIRAM (eds.) - *BIBLICAL ARCHAEOLOGY Today 1990: Proceedings of the Second International Congress on Biblical Archaeology, Jerusalem, June 1990*. Jerusalem: Israel Exploration Society, Israel Academy of Sciences and Humanities, 1993, p. 581-584; FINKELSTEIN, Israel - *The Archaeology of the United Monarchy, an alternative view*. *Levant* 28 (1996) p. 177-187.

⁴ Cf. DEVER, William G. - *Gézer*. In *EAEHL*. Vol. 2, Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993, pp. 496-506.

⁵ Cf. KITCHEN, K. A. - *A possible mention of David in the late tenth century BCE, and Deity *Dod as Dead as the Dodo?* *JSOT* 76 (1997) p. 39-41; cf. MAZAR, E. - *Excavate King David's Palace*. *BAR* 23/1 (1997) p. 50-57.

Salomão é o décimo filho de David, num conjunto de dezassete (2 Sam 3, 2-6; 5, 14-16) ou de dezanove (1 Cron 3, 1-8). É o segundo filho de Betsabé (2 Sam 12, 18.24) filha de Eliam, mulher de Urias o hitita (2 Sam 11, 3), como também é o quarto filho de Betsabé filha de Amiel (1 Cron 3, 5) nascido em Jerusalém. David deu-lhe o nome *Salomão* (2 Sam 12,24), mas segundo o *qerê*, a versão siríaca e o Tg.Jon foi a mãe que escolheu o nome. O seu significado poderá querer dizer *o amado do Senhor* (Jedidias: 2 Sam 12, 25) ou que o *Senhor é a sua paz* (1 Cron 22, 9). Salomão é ungido rei em semi segredo (1 Re 1, 38-40) no palácio de Adonias (1 Re 1, 11)⁶ e «foi rei em todo o Israel por quarenta anos» (1 Re 11, 42), o que significa que o seu reino terá durado mais ou menos uma geração.

A narrativa bíblica apresenta-nos um Salomão sábio e diplomata, à semelhança dos homens comuns do Próximo Oriente. Segundo a Bíblia Hebraica Salomão era sábio, mas mulherengo (1 Re 11, 1; cf. Cant 1, 1; 6, 8), tinha muitas mulheres (700) e concubinas (300) (1 Re 11, 3)⁷, quarenta mil manjedouras para os seus cavalos (1 Re 5, 6)(!), ficou conhecido como um grande construtor, e o seu reino parecia mais um império «do rio Eufrates até ao país dos filisteus e à fronteira do Egipto» (1 Re 5, 1). No entanto, e de acordo com a mesma narrativa, Salomão devia dinheiro em grandes quantidades ao rei de Tiro - Hiram (1 Re 9). É igualmente durante este período que Israel viu a rebelião de Hadad em Edom (11, 14-22), que Israel teve muitas dificuldades com Rezon, filho de Ediadá de Damasco (11, 23-25) e com Jeroboão, filho de Nebat de Zeredah em Efraím (11, 26). Provavelmente o país de Salomão entender-se-ia da tradicional terra natal israelita na Palestina ocidental (de Dan a Beer-sheva: 5, 5) até ao planalto da Transjordânia e à estrada para Ezion-Geber no golfo de Eilat (9, 26).

Todavia, o reino de Salomão era bastante cosmopolita. Permanecia um ponto de cruzamento entre o Egipto e a Mesopotâmia, o que facilitava as trocas comerciais e a assimilação de elementos estrangeiros. Salomão

⁶ J. Maxwell MILLER propõe três razões para esta ascensão ao trono de Salomão em semi segredo: 1ª) devido às diferenças ideológicas entre Salomão e Adonias; 2ª) seria prematuro actuar como rei enquanto David ainda era vivo; 3ª) e devido ao facto de que Adonias procurava somente Joab e Abiatar, ignorando os outros (1 Re 1, 7-10): cf. MILLER, J. Maxwell; HAYES, J. H. - *A History of Ancient Israel and Judah*. London: SCM Press, 1986, p. 200.

⁷ Apesar de tudo apenas o nome de uma é mencionado (Naamah, a amonita, mãe de Reboão, o sucessor de Salomão: cf. 1 Re 14,21-23).

tinha inclusivé relações económicas e comerciais com o sul da Anatólia - de onde importava cavalos para os seus exércitos (10, 28-29) - com a Arábia e com a região do Mar Vermelho em Ofir (9, 28)⁸. Provavelmente controlaria também a *Via Maris* e a *Estrada do Rei* sob a forma aduaneira a fim de obter dividendos comerciais e fiscais sobre as mercadorias em trânsito pelo seu reino (10, 15)⁹. Para administrar o seu território Salomão estabeleceu um sistema burocrático muito eficiente (4, 1-7), alargando mesmo o sistema herdado de David seu pai, e, como propõe Tomoo Ishida, melhorou-o à luz dos exemplos administrativos da cidade-estado cananaicas¹⁰. A centralização cultural e administrativa deste período quebrou efectivamente a tradicional autonomia de cada tribo em Israel. Israel no norte foi dividido em doze distritos (4, 7-19), cada um com um governador intendente nomeado pela administração central - pelo governo salomónico de Jerusalém. Cada distrito era obrigado a pagar altos impostos a fim de sustentar o vasto harem do rei. As tribos do norte eram obrigadas adicionalmente a suportar os empreendimentos reais de construção por todo o reino, especialmente na capital, sob a forma de *trabalho forçado oferecido* (!) (5,27-32 - φόρον nos LXX), o que enfureceu o povo (12, 18)¹¹. Contudo, Judá permanecia numa situação de privilégio em todo este processo, não sendo mesmo obrigada a estas imposições, e a narrativa deuteronomista tenta apresentar uma visão conciliatória ilibando todo o Israel deste fardo (2 Cron 8, 9; 1 Re 9, 22)¹². Mas esta discrepância de tratamento aumentou ainda mais a clivagem norte-sul, e desestabilizou sobretudo as tribos do norte. Efectivamente, o reino salomónico não foi tão pacífico quanto a narrativa bíblica no seu conjunto deixa transparecer.

⁸ O episódio da visita da rainha vinda de Sabá, no actual Iémen (1 Re 10, 1-13; 2 Cron 9, 1-12) é disso expressão: cf. LUKE, K. - The Queen of Sheba (1 Kgs 10, 1-13). *Indian Theological Studies* 23 (1986) 248-272; MALAMAT, A. - Aspects of the Foreign Policies of David and Solomon. *JNES* 22 (1963) 1-17.

⁹ Cf. DONNER, Herbert - *The Independence of Internal Affairs and Foreign Policy during the David-Solomonic Period (with special regard to the Phoenician coast)*. In ISHIDA, Tomoo (ed.) - *Studies in the Period of David and Solomon and other Essays*. Tokyo, 1982, p. 205-214; REDFORD, R. B. - *Studies in Relations between Palestine and Egypt during the First Millennium B.C. I. The Taxation system of Solomon*. In IDEM; WEVERS, J. W. - *Studies on the Ancient Palestinian World*. Toronto, 1972, p. 141-156.

¹⁰ Cf. ISHIDA, Tomoo - *Solomon*. In *ABD*, vol. 6, New York, Doubleday 1992, p. 107.

¹¹ Cf. SOGGIN, J. Alberto - *Compulsory labor under David and Solomon*. In ISHIDA - *Studies*, pp. 259-267; MENDELSON, I. - State Slavery in Ancient Palestine. *BASOR* 85 (1942) 14-17.

¹² Cf. LANGLAMET, F. - Pour ou contre Salomon? La rédaction prosalomonienne de 1 Rois. I-II. *RB* 83 (1976) 321-379. 481-528.

Com este processo maciço de construções Salomão tornou-se conhecido. Os palácios transformaram-se na sua imagem de marca, bem como a sabedoria e a riqueza, mas especialmente o templo que construiu em Jerusalém (1 Re 6-7). Salomão deu desta forma uma *sheqinah* à divindade. A partir de então a Arca passou a possuir uma casa. Ora, aqui reside o paradoxo da monarquia em Israel: na verdade, é o povo que por esta via confere ao seu Deus uma *Geborgenheit*, e não o inverso. E o templo não foi apenas uma casa de oração, pois somente o sumo sacerdote tinha permissão para entrar uma vez por ano no Santo dos Santos. Mais, Salomão tinha um papel maior a desempenhar no templo, na medida que dele presidia também ao culto e ao estado (1 Re 3, 4; 8, 14). Isto leva-nos a admitir que durante o período salomónico religião e política se confundiam ¹³, ou pelo menos a segunda interferia na primeira ¹⁴.

Em síntese, podemos afirmar de um modo abrangente que durante o período salomónico assistiu-se a uma consolidação do poder régio, a um desenvolvimento da organização administrativo-burocrática, à construção de diversas infra-estruturas (incluindo o templo em Jerusalém), ao reforço do sistema defensivo-militar, e à cristalização da teologia sionista ¹⁵.

2. Os vestígios arqueológicos

«É esta a relação dos trabalhos que o rei Salomão levou a efeito para a construção do templo do Senhor, do seu palácio, de Milo, da muralha de Jerusalém, de Hazor, de Meggido e de Gézer. O rei do Egipto subiu e atacou Gézer e capturou-a, matando todos os seus habitantes, e ateou fogo à cidade. Depois, deu-a como presente de casamento à sua filha, que casou com Salomão.

¹³ Cf. ISHIDA - *Solomon*, p. 111.

¹⁴ É curioso constatar como esta tendência permaneceu ao longo da história de Israel. Nos tempos culturalmente esfacelados de Jesus ela acentuou-se, apesar de a corrente farisaica (que prevaleceu após a queda de Jerusalém no ano 70 e se consubstanciou na literatura talmúdica) tentar lutar contra ela, e depurá-la ou invertê-la. No entanto, a propensão teocrática continua ainda hoje viva. É verdade que existe uma tendência laica sadia no Israel actual moderno. Mas Herzog e a tradição sionista são os herdeiros da teocracia veterotestamentária, e marcaram decisivamente, como fundadores do Estado de Israel, a mentalidade actual hebraica. Assim se compreende porque existe actualmente uma tendência nacionalista e confessional no Israel actual, e que está na base de toda a problemática à volta da qual gira a tensão no Médio Oriente. Ora, em confronto com os direitos humanos consagrados nas constituições modernas e na Carta Universal dos Direitos Humanos, esta perspectiva, porque ideológica, é incomportável.

¹⁵ Cf. ISHIDA - *Solomon*, p. 112.

Salomão reconstruiu-a, e reconstruiu Beit-Horon, Baalath, Tamar no deserto da Judeia, e todas as cidades de residência que lhe pertenciam.

Reconstruiu as cidades para os seus carros, para a cavalaria, numa palavra, tudo o que lhe aprouve construir em Jerusalém, no Líbano e em todo o reino». (1 Re 5, 15-19).

Quando assumimos que para o estudo do período salomónico o texto massorético permanece ainda a nossa principal fonte de informação, temos de perguntar qual o peso a dar às evidências arqueológicas em ordem a verificar se estas últimas suportam ou ajudam a descrição bíblica. A pesquisa arqueológica aponta a presença de várias muralhas em casamata durante este período por toda a terra da Palestina (Hazor X, Meggido VA-IVB, Gézer VIII, tel-Beit Mirsim B3, Beth-Shemesh IIa, tel-Qasile X). Estas muralhas consistem basicamente em muros duplos com uma vala (sala) entre ambos os muros exterior e interior. Ainda que este tipo de construção não seja exclusivo deste período (porquanto foram também encontrados em outros períodos subsequentes e antecedentes: tel-Batash, Timnah - estrato III do séc. VIII a.C., tel-Ira no séc. VII) ¹⁶, devido à sua presença e dispersão ao longo do território da dita Terra Prometida podemos considerá-la como «uma estratégia comum de fortificação no séc. X a.C.» ¹⁷. Neste tipo de construção eminentemente defensiva encontramos igualmente os portões citadinizados com várias câmaras, como em Gézer ¹⁸, Hazor ¹⁹, Ashdod, Meggido ²⁰ e Lachish ²¹. Este tipo de entradas nas zonas muralhadas aparece igualmente de uma forma não uniforme no Néguev. Aliás, não podemos esquecer que também aí chegava a monarquia unida davídico-salomónica ²².

¹⁶ Na opinião de Amihai MAZAR este tipo de muralhas é um simples desenvolvimento do tipo encontrado durante a instalação de Israel na terra de Canaan no Ferro I: cf. MAZAR - *Archaeology*, p. 388. William G. DEVER retrata as origens deste tipo de construção defensiva a partir do séc. XVII a.c. como se fossem uma tradição local de Canaan: cf. DEVER, William G. - *Monumental Architecture in Ancient Israel in the Period of the United Monarchy*. In ISHIDA - *Studies*, p. 289.

¹⁷ AHLSTROM, Gosta W. - *The History of Ancient Palestine from the Palaeolithic Period to Alexander's Conquest*. Sheffield: JSOT Press, 1993, p. 525.

¹⁸ Cf. YADIN, Y. - Solomon's City Wall and gate at Gezer. *IEJ* 8 (1958) 80-86.

¹⁹ Cf. IDEM - *Hazor*. In *EAEHL*, vol. 2, Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993, 594-603.

²⁰ Cf. IDEM - Meggido of the Kings of Israel. *BA* 33 (1970) 66-96.

²¹ Cf. MAZAR - *Archaeology*, p. 384.

²² Cf. *ibidem*, p. 391.

Como referimos, a actividade construtora de Salomão é uma das suas imagens de marca. Construiu «a casa da floresta da Líbano» com halls, muitos pilares, e palácios (1 Re 7, 1-11). Tem sido sugerido que as construções salomónicas inspiraram-se estilisticamente nas *Beit-Hilani* do norte da Síria, o que parece acertado, pelas semelhanças e contemporaneidade, sobretudo geográfica ²³. Relativamente à grande construção de Salomão - o templo (1 Re 5-6) - e como não restaram vestígios, recorremos a testemunhos indirectos para a sua hipotética reconstrução ²⁴. Na realidade, a narrativa bíblica está muito próxima do que foi encontrado do séc. VIII a.C. em tel-Tainat no norte da Síria, e aproxima-se bastante do templo cananeu de Hazor (sécs. XV-XIV a.C.) e do edifício de Ebla de tel-Mardikh do Bronze Médio. O plano do templo parece portanto inspirar-se na arquitectura religiosa do segundo milénio a.C. em Canaan e na Síria.

O templo tinha três partes: o átrio (*holam*), o átrio central (*hêkal*), e o Santo dos Santos (*debir*). Foram usadas madeiras de cedro do Líbano (1 Re 6, 15-18). Tinha dois altares: um com quatro cantos para os sacrifícios no átrio exterior do templo, e um mais pequeno para queimar incenso no interior do templo. Uma estrutura muito semelhante foi encontrada por Y. Aharoni no norte do Néguev em tel-Arad ²⁵. Esta estrutura templária difere da jerusalimitana sobretudo no facto de possuir apenas duas salas (átrios) em vez dos esperados três. Para além de todas as diferenças, contudo, permanece uma dúvida incontornável: como explicar a existência de um templo no Néguev se Jerusalém deveria ser o único lugar de culto, de adoração em Israel? Uma solução possível será simplesmente reconhecer que durante o período da monarquia unida a centralização não conseguiu anular totalmente a regionalização, não conseguiu ir tão longe quanto o desejado. Uma outra interpretação plausível, proposta por Aharoni na sequência das sugestões do falecido professor Benjamin Mazar ²⁶,

²³ Cf. *ibidem*, pp. 377-378.

²⁴ Cf. SHILOH, Y. - *Iron Age Sanctuaries and Cult Elements in Palestine*. In CROSS, Frank Moore (ed.) - *Symposia celebrating the Seventy-fifth anniversary of the Founding of the American Schools of Oriental Research (1900-1975)*. Cambridge: ASOR, 1979, 153-154; GARBER, P. - *Reconstructing Solomon's Temple*. BA 14 (1951) 2-24; IDEM - *Reconsidering the Reconstruction of Solomon's Temple*. JBL 77 (1958) 122-133; USSISHKIN, David - *Meggido*. In OEANE, vol. 3, New York: Oxford University Press, 1997, p. 465, figura 2.

²⁵ Cf. AHARONI, Y. - *Arad: Its Inscriptions and Temple*. BA 31 (1968) 2-32.

²⁶ Cf. MAZAR, Benjamin - *The Early Biblical Period: Historical Studies*. Jerusalem, Israel Exploration Society, 1986; IDEM - *Biblical Israel State and People*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1992.

será ver neste templo do sul da Judeia o santuário quenita de Jz 1, 16, pois aí é referido este clã madianita ²⁷. Todavia, a dificuldade desta leitura arqueológica é a de que ela permanece mais hipotética do que convincente ou verificável. Não podemos, ao invés também, descartar sem mais a contemporaneidade de outros cultos em Israel ao lado do culto javístico.

Os capitéis proto-eólicos podem ser tidos como uma característica distintiva deste período monárquico. Os arquitectos de Salomão usaram este motivo quer em edifícios, quer em palácios, e muito provavelmente no templo (1 Re 6, 18.29; 7, 15-22). No entanto, este género decorativo não é exclusivo deste período. Aparecem igualmente em outras épocas e outros locais, como nos painéis de marfim gravado de Nimrud, Arslan-Tash, da Samaria e de Hazor ²⁸. Uma diferença importante entre estes capitéis e os do tempo de Salomão reside no material. Os arquitectos de Salomão tendiam a utilizar alvenaria silhar, ao passo que as culturas circunvizinhas preferiam a maçonaria ortostática. Neste sentido poderemos assumir a alvenaria silhar como característica desta época em Israel, pois foi utilizada prodigamente nas construções palacianas, nas fundações maciças (como no caso do portão de Meggido), e nos capitéis proto-eólicos ²⁹ para dar ainda mais luxo ao rei sábio de Jerusalém.

3. O caso de Meggido ³⁰

Meggido, no norte de Israel, no topo do vale de Yezreel, apresenta alguns problemas estratigráficos ³¹. Poderemos afirmar até com alguma ironia que em Meggido a estratigrafia está de facto «em desarranjo» ³², de tal forma que é necessário cuidar sempre com certa desconfiança da cor-

²⁷ Cf. AHARONI - *Arad*, p. 27.

²⁸ Cf. SHILOH, Y. - *New Proto-Aeolic capitals found in Israel*. BASOR 222 (1976) 67-77; IDEM - *The Proto-Aeolic capital: the Israelite 'Timorah' (Palmette) capital*. PEQ 109 (1977) 39-52.

²⁹ Cf. USSISHKIN, David - *Fresh examination of old excavations: sanctuaries in the first temple period*. In BIBLICAL ARCHAEOLOGY Today 1990 *Proceedings of the Second International Congress on Biblical Archaeology*. Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993, p. 79.

³⁰ Cf. MAZAR - *Archaeology*, p. 380.

³¹ Cf. WRIGHT, G. E. - *A Review of Meggido II*. JAOS 70 (1950) 59-60; USSISHKIN, David - *Meggido*. In ABD, vol. 4, New York: Doubleday, 1992, 666-679; SHILOH, Y. - *Meggido*. In EAEHL, vol. 3, Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993, 1012-1023.

³² CURRID, John D. - *The Re-stratification of Meggido during the United Monarchy*. ZDPV 107 (1991) p. 28.

respondência entre os vestígios encontrados e a estratificação respectiva atribuída ³³.

Os investigadores do Instituto Oriental da Universidade de Chicago não encontraram um muro que possa ser assignado ao estrato VB. Encontraram, contudo, uma sólida muralha de ressalto perpendicular (325), a qual entenderam atribuir ao estrato IVB ³⁴. Posteriormente, concluíram que se trataria de um muro relacionado de alguma maneira com o portão salomónico de câmaras múltiplas do estrato VA-IVB. Albright juntou num só estrato os níveis VA-IVB ³⁵. Y. Yadin discordou desta interpretação. Em Hazor ele encontrou um portão com duas torres e seis câmaras no nível X ³⁶. Este seria certamente um portão salomónico, de acordo com a estratigrafia e semelhanças com as descobertas em Gézer e Meggido: as pedras utilizadas mostravam igualmente uma grande perfeição nos acabamentos, e encaixavam-se perfeitamente num padrão homogêneo de construção robusta e calculada, sobrepostas uma às outras e secas com argamassa, o que exigia uma grande perícia, um grande apuro tecnológico ³⁷. Com base em 1 Re 9,15-19 Yadin assumiu que estes portões seriam contemporâneos do período salomónico. Para isso Y. Yadin apresenta quatro argumentos: 1º) Meggido e Gézer possuem portões exteriores; 2º) Hazor e Gézer possuem um sistema muralhado em casamata; 3º) todos os três portões têm uma construção de caixilharia semelhante; e 4º) todos os três locais apresentam colunas quádruplas esporizadas.

Não obstante esta análise, subsistem algumas questões. Em primeiro lugar, qual a legitimidade de um procedimento hermenêutico como este em que o texto bíblico é feito obrigatoriamente condizente com os trabalhos de campo, ou feito coincidir com o trabalho de campo? Não padecerá ela de um certo fundamentalismo e de precipitação? ³⁸ Y. Yadin manteve que o sistema casamata sempre foi o principal sistema defensivo nas cidades da Palestina no Ferro II, durante o período salomónico. Segundo o general israelita, este sistema teria sido depois substituído por uma construção sólida e monolítica, destinada a repelir as baterias inimigas cada vez mais

³³ Cf. MAZAR - *Archaeology*, p. 383.

³⁴ Cf. USSISHKIN, David - *Meggido*. In *OEANE*, vol. 3, p. 464.

³⁵ Cf. ALBRIGHT, William Foxwell - *The Excavation of Tell Beit Mirsim*, vol. 3, *The Iron Age* [=Annual of the American Schools of Oriental Research 21-22]. New Haven, 1943, p. 29-30.

³⁶ Cf. YADIN, Y. - *The Third Season of Excavations at Hazor*. *BA* 21 (1958) 46.

³⁷ Cf. MAZAR - *Archaeology*, p. 384.

³⁸ Cf. o nosso trabalho no número anterior: As propostas arqueológicas sobre a emergência do primitivo Israel na terra de Canaan. *Humanística e Teologia* 20/1 (1999) 3-22, esp. p. 7. 9.

eficientes. Além do mais, em Meggido o portão de câmara sêxtupla foi construído como uma muralha de ressalto perpendicular. Mas por outro lado, não podemos fugir da dispersão e da desconexão inerentes aos sistemas, o que se torna um problema estratigráfico. Hazor no norte e Gézer no sul mantiveram este típico sistema de fortificação, enquanto que Meggido difere. A partir daqui, Y. Yadin escavou em Meggido em 1970 para encontrar específica e propositadamente aí um muro em casamata por baixo da sólida muralha monolítica ³⁹. Y. Yadin ao descobrir as silhas numa posição tal que a união das pedras superiores não coincidia com a união das silhas inferiores, datou correctamente o palácio 6000 no estrato VA-IVB ⁴⁰. Conseguiu inclusivé descobrir aquilo que se propunha: o muro em casa mata debaixo da outra construção em ressalto perpendicular, quer para este quer para oeste do palácio 6000. Para Y. Yadin as paredes ocidentais em casamata teriam continuado numa direcção ocidental e eventualmente teriam feito a ligação com o portão salomónico de câmara sêxtupla. Por isso, para Y. Yadin o estrato VA-IVB constituía a cidade salomónica fortificada com a muralha em casamata, com o portão de câmara sêxtupla e de duas torres gémeas ⁴¹. Todavia, esta argumentação apresenta algumas debilidades: «os espaços encontrados por Yadin a leste do palácio 6000 muito dificilmente poderão ser tidos como uma evidência de um tal tipo de muralha em casamata, e aqueles (espaços) a oeste deste palácio parecem fazer parte de uma guarnição que o circundava» ⁴². Na realidade, esta permanece uma das questões maiores, na medida em que um muro deste género teria seguramente exigido uma grandiosidade maior do que aquela que real e objectivamente se nos afigura.

Concordamos com John D. Currid no facto de que «a ideia de que a muralha sólida veio a substituir o sistema em casamata no fim da monarquia unida por todo o Israel é uma generalização *apriori*» ⁴³, pois em vários sítios continuou-se a utilizar este último sistema defensivo para muralhar as cidades. Em segundo lugar, há que ter em conta de que não existem evidências até agora de um muro em casamata no portão norte de Meggido, o que torna no mínimo problemática qualquer conexão entre a dita muralha em casamata e o portão salomónico de câmara sêxtupla, pelo

³⁹ Cf. YADIN, Y. - *New light on Solomon's Meggido*. *BA* 23 (1960) 62-68.

⁴⁰ Cf. IDEM - *Meggido of the Kings of Israel*. *BA* 33 (1970) p. 73-77.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, p. 68.

⁴² MAZAR - *Archaeology*, p. 400, nota 15.

⁴³ CURRID - *The Re-stratification*, p. 34.

menos em termos estratigráficos. Em terceiro lugar, causa um certo espanto a dimensão do muro em casamata. A pergunta inevitável recai logo em saber como era possível defender uma das cidades reais de Salomão com uma defesa não tão impressionante quanto se desejaria e eventualmente se necessitaria. Permanece enigmático, e susceptível de várias interpretações, esta construção tão débil de uma cidade referente aos tempos dos estratos VA-IVB.... Dado que para John D. Currid o muro em casamata se encontra debaixo do muro ocidental do palácio 6000, necessariamente o muro será prévio no tempo, o que negaria um estrato VA-IVB para o sistema em casamata. A este ponto, John D. Currid, à semelhança de Aharoni, data esse muro para o período davídico ⁴⁴.

Ora, mais uma vez constatamos a dificuldade intrínseca aos próprios vestígios arqueológicos, que enquanto tais podem originar interpretações divergentes ou mesmo contraditórias. Neste caso em especial, a posição deste arqueólogo é bastante discutível na medida em que o muro em casamata não subjaz ao palácio, mas encontra-se ao mesmo nível (estrato VA-IVB) do referido palácio 6000, e como parte deste. Na realidade, o que poderá ser problemático será a relação estratigráfica com o portão da cidade e a datação dos estábulos, visto que segundo o texto bíblico Salomão tinha muitos cavalos e muitas cavaliarias (1 Re 5, 6) e muitas cidades para carros ('*arê harékev*: 1 Re 9, 19; 10, 26 = 2 Cron 1, 14; 8, 6; 9, 25) e para cavaleiros ('*arê haparasim*: 1 Re 9, 19 = 2 Cron 8, 6) ⁴⁵.

Neste sentido, um outro reparo que poderá ser feito às conclusões de Y. Yadin será a pressão das referidas conclusões: como explicar que em Hazor encontramos uma muralha em casamata e um portão de câmara sêxtupla, ao passo que em Meggido apenas existe um destes elementos? E porquê muralhas tão débeis a ocidente e oriente do palácio 6000, se em Gézer o portão é tão sólido e parte integrante de um sólido sistema muralhado da cidade? Para contornar a dificuldade Y. Yadin propõe uma explicação pelo menos válida ou possível. A menor consistência do sistema

⁴⁴ Cf. AHARONI, Y. - The building activities of David and Solomon. *IEJ* 24 (1974) 13-14; IDEM - The Stratification of Israelite Meggido. *JNES* 31 (1972) 302-311; IDEM - *The Archaeology of the Land of Israel*. Philadelphia, 1982; WIGHTMAN, Gregory J. - Meggido VIA-III: Associated Structures and Chronology. *Levant* 17 (1985) 117-129; CURRID - The Re-stratification, p. 34. Este autor aplica o mesmo raciocínio relativamente ao palácio 1723, o qual para ele apresenta dois níveis, em que o primeiro igualmente é datável aos tempos de David: cf. *Ibidem* - p. 35.

⁴⁵ Cf. PRITCHARD, James B. - *The Meggido Stables: A Reassessment*. In SANDERS, James A. (ed.) - *Near Eastern Archaeology in the Twentieth Century: Essays in Honor of Nelson Glueck*. New York: Garden City, 1970, p. 268-276.

mural dever-se-ia ao declive da colina. Este declive do terreno eximiria os arquitectos de Salomão de alargar o muro e as defesas da cidade, pois o próprio terreno compensava com o seu declive a menor espessura das muralhas. Segundo o general israelita, especialista em estratégias militares, teria bastado construir o dito palácio 6000 e os outros edifícios que o integram ⁴⁶.

Mais recentemente David Ussishkin, da Universidade de Tel-Aviv reviu os resultados e as conclusões de Y. Yadin. Tem sido sugerido que o edifício 1723 ⁴⁷ era usado como palácio do governador Ba'ana, filho de Ahilud (1 Re 4, 12) ⁴⁸. David Ussishkin coloca igualmente o edifício 1723 e o palácio 6000 no estrato VA-IVB como estruturas salomónicas ⁴⁹. Contudo, adverte correctamente a problemática à volta dos estábulos e do portão da cidade. Em Gézer e Hazor o portão da cidade estava ligado ao muro em casamata da cidade. Mas em Meggido, na opinião de David Ussishkin, esse portão liga-se ao muro 325 (estrato IVA) ⁵⁰, depois de o comparar com os exemplares de Ashdod e Lachish, onde foram atestadas fortes fundações ⁵¹. Com efeito, tal como David Ussishkin reconhecemos muitas dúvidas nas relações estratigráficas que Y. Yadin estabeleceu entre o portão da cidade e o estrato VA-IVB. Pelo menos David Ussishkin vê correctamente a extrema dificuldade da relação entre o portão da cidade, construído num muro muito sólido, e a fina muralha do estrato salomónico de VA-IVB. Consequentemente, para David Ussishkin a porta de entrada da cidade real de Meggido deverá ser datada para o estrato IVA por forma a conectá-la com a muralha semelhante em ressaltado perpendicular, a qual deverá ter sido construída depois do fim de Meggido

⁴⁶ Cf. YADIN - *New light*, p. 67.

⁴⁷ Cf. LAMON, Robert S.; SHIPTON, Geoffrey - *Meggido I: Seasons of 1925-34, Strata I-V*. [Oriental Institute Publications 52], 1939, p. 11-24; SCHUMACHER, Gottlieb - *Tell el-Mutesellim*. vol. 1, *Fundbericht*. Leipzig, 1908, pp. 91-104.

⁴⁸ Cf. MILLER; HAYES - *A History*, p. 292.

⁴⁹ Cf. USSISHKIN, David - King Solomon's Palace and Building 1723 in Meggido. *IEJ* 16 (1966) 174-186; IDEM - King Solomon's Palace. *BA* 36 (1973) 78-105.

⁵⁰ Cf. USSISHKIN, David - *Meggido*. *OEANE*, vol. 3, p. 465; MAZAR - *Archaeology*, p. 414; KITCHEN, K. A. - *The Third Intermediate Period in Egypt (1100-650 BC)*. Warminster: Aris & Phillips, 1973, p. 294-300. 432-447; NA'AMAN, Nadav - Israel, Edom and Egypt in the Tenth Century B.C.E. *Tel Aviv* 19 (1992) p. 79-93; AHLSTRÖM, G. W. - *Pharaoh shoshenq's Campaign in Palestine*. In LEMAIRE, A.; OTZEN, B. (eds.) - *History and Traditions of Early Israel: Studies Presented to Eduard Nielsen*. Leiden: E. J. Brill, 1993, p. 1-16.

⁵¹ Cf. USSISHKIN - Was the 'Solomonic' city gate at Meggido built by king Solomon. *BASOR* 239 (1980) p. 17.

após a campanha destruidora do Farão Sheshonq I (bíblico Shishak I, cerca de 925 a.C.)⁵².

Todas estas diferentes interpretações acerca da cidade de Meggido e do seu portão surgem a partir da complexidade e rarefacção dos dados arqueológicos até agora vindos à luz. Aparentemente, existem dois níveis estratigráficos nessa porta de entrada da cidade! Na verdade, o portão norte afigura-se como um pequeno portão de câmara dupla que ligava por uma pequena rampa⁵³ a um segundo portão mais abaixo (esse sim pós salomónico: estrato IVA). Y. Yadin sugeriu que a parte inferior deveria ser considerada a superestrutura salomónica original. Esta hipótese tem a vantagem de explicar o uso de alvenaria de silha muito fina nas partes mais baixas da construção do portão. No entanto, continua a afigurar-se-nos estranho que se tenha de alguma forma desperdiçado maçonaria de tão grande valor para a época e num lugar que não era visto por ninguém, pois ficava escondido nos alicerces da construção. Para além disto, esta proposta tem a desvantagem de deixar uma porta que se quer maciça sem uma fundação subterrânea correspondentemente robusta!⁵⁴

Finalmente, importa referir uma outra dúvida relativamente à estratigrafia: a questão dos estábulos. Na verdade, não é consensual, porque não é imediata, a identificação de alguns espaços com os estábulos vários e grandes de Salomão⁵⁵, devido à exiguidade e estreiteza dos espaços (cf. 1 Re 10, 28-29; 2 Cron 1, 16-17). Por conseguinte, provavelmente até funcionariam como espaços de armazenamento⁵⁶, e devido à sua relação estratigráfica com o muro 325 terão de ser colocados em relação com o estrato IVA, isto é, com o período pós salomónico⁵⁷.

Os estábulos enquanto tais não podem ser também eles admitidos como um elemento exclusivo da arquitectura dos tempos ilustrados da monarquia unida em Israel, pois já se detectaram outros exemplares em outras

regiões do Médio Oriente durante a Idade do Ferro⁵⁸, como os casos de tel-Hadar e de 'Ein-Gev⁵⁹. Por outro lado, nem sempre lhes são atribuídas as funções de estábulos. Confundem-se por vezes com outros quaisquer edifícios colonados, de múltiplos usos, sobretudo de armazenamento, como já referimos⁶⁰.

Não obstante, é permitido concluir que o palácio 6000, o edifício 1723, e o portão da cidade construído em alvenaria de qualidade poderão dizer algo da monarquia unida em Israel aos tempos do rei sábio, cuja realza apresenta uma arquitectura formada por alguns palácios, maçonaria de silha, motivos decorativos em capitéis, tudo num plano urbano radial e harmonicamente projectado, imagem da estabilidade e projecção que Salomão conseguiu deixar em Israel.

Conclusão

O séc. X a.C., podemos afirmar minimamente inspirados nos vestígios da arqueologia bíblica, é um período de reurbanização em Israel, um tempo em que as cidades, a vida urbana e a institucionalização florescem novamente⁶¹. Assiste-se neste período «a uma tendência generalizada para a centralização e o desenvolvimento urbano ... para o desenvolvimento da arte monumental e arquitectural, que se reflecte no registo arqueológico»⁶². Ainda que os vestígios arqueológicos consigam «difícilmente sugerir um império»⁶³ e não corroborem totalmente a grandeza e

⁵² Cf. HERZOG, Ze'ev - *The Storehouses*. In AHARONI Y. (ed.) - *Beer Sheva I*. Tel Aviv, 1973, p. 23-30; IDEM - *Administrative Structures in the Iron Age*. In KEMPINSKI, Aharon; REICH, Ronny (ed.) - *The Architecture of Ancient Israel: From the Prehistoric to the Persian periods*. Jerusalem, 1992, p. 223-230.

⁵³ Cf. KOCHAVI, Moshe - Tel Hadar. *IEJ* 43 (1993a) 186-188; IDEM - Tel 'Ein-Gev. *IEJ* (1993b) 188-190.

⁵⁴ Cf. HOLLADAY, John S. - *The Stables of Ancient Israel: Functional Determinants of Stable Constructions and the Interpretation of Pillared Building Remains of the Palestinian Iron Age*. In GERATY, Lawrence T.; HERR, Larry G. - *The Archaeology of Jordan and Other Studies Presented to Siegfried H. Horn*. Michigan: Berrien Springs, 1986, p. 103-165.

⁵⁵ Cf. FINKELSTEIN, I. - The Emergence of Early Israel: Anthropology Environment and Archaeology. *JAOS* 110 (1990) p. 682; IDEM - The emergence of the Monarchy in Israel. The environment and socio economic aspects. *JSOT* 44, p. 113-174.

⁵⁶ Cf. DEVER - *Monumental Architecture*, p. 286.

⁵⁷ MILLER, J. Maxwell - Solomon: International potentate or local king?. *PEQ* 123 (1991) p. 29.

⁵² Cf. ALBRIGHT - *The Excavation*, p. 29; SHILOH, Y. - *Meggido*. In *EAEHL*. Vol. 3, Jerusalem: Israel Exploration Society, 1993, p. 1019; MAZAR - *The Early Biblical Period*, p. 139-150.

⁵³ LOUD, Gordon - *Meggido II: Seasons of 1935-1939*. [= Oriental Institute Publications 92]. Chicago, 1948, p. 39-45.

⁵⁴ Cf. MAZAR - *Archaeology*, p. 399, nota 15.

⁵⁵ Cf. USSISHKIN, David - *Gate 1567 at Meggido and the Seal of Shema, Servant of Jeroboam*. In COOGAN, M. D.; EXUM, J. C.; STAGER, Lawrence E. - *Scripture and Other artifacts: Essays on the Bible and Archaeology in Honor of Philip J. King*. Louisville, 1994, p. 424-426.

⁵⁶ Cf. CURRID, John D. - Rectangular Storehouse Construction during the Israelite Iron Age. *ZDPV* 108 (1992) 99-121; BIRAN, A. - *Biblical Dan*. Jerusalem, 1994, p. 129.

⁵⁷ Cf. DAVIES, Graham I. - Solomonic Stables at Meggido after all?. *PEQ* 120 (1988) 130-141.

o esplendor do reino de Salomão ⁶⁴, permanece forçada a conclusão de William G. Dever de que «a arqueologia bíblica e palestiniana têm sido surpreendentemente silenciosas no que toca à monarquia unida» ⁶⁵. Aliás, William G. Dever numa certa contradição até reconhece, de acordo com os dados disponíveis, «uma presença israelita extensiva» no Néguev, em especial em Beer-Sheva - estrato VI ⁶⁶. Não podemos esquecer que somente uma pequena parte do território da Terra Prometida foi escavado. A cidade antiga de Jerusalém muito provavelmente nunca o será por problemas políticos. No entanto, alguns esboços podem-se já desenhar a partir dos vários *sites* arqueológicos espalhados pela Palestina. Neste contexto, é lícito deduzir que apesar dos edifícios e construções salomónicas postos a descoberto, eles não traduzem o esplendor que emerge do texto bíblico. Nesta análise é mister não perder de vista que o processo de construção não foi uma exclusividade salomónica, mas prolongou-se no séc. IX a.C. pelos reinos de Omri e Acab, e que a narrativa bíblica foi escrita, no seu pendor deuteronomista, desde a perspectiva de Judá, num estilo semelhante ao de outros documentos reais da mesma época, exagerando os eventos históricos a fim de afirmar e justificar o domínio de Judá sobre o resto de Israel. Mas, apesar de tudo, o texto bíblico continuará a ser a «nossa melhor hipótese» ⁶⁷.

Por conseguinte, «a hipérbole típica dos antigos documentos reais» ⁶⁸ elucida-nos como estamos novamente aqui diante do mesmo fenómeno. Não podemos deixar de insistir que não se nega desta forma a legitimidade da narrativa.

No séc. IX a.C. o grande rei é Acab. E de acordo com os vestígios arqueológicos deixados será até possível argumentar que o grande construtor em Israel não foi Salomão mas Acab. Se é assim, porque não considerar toda a narrativa davídico-salomónica como ficção ⁶⁹, como lenda ou fantasia a grandeza do reino de Salomão, como um mero artifício literário, ao ponto mesmo de negar a própria existência destas personagens? Esta é a postura temerária e céptica de alguns espíritos positivistas. Mas

da inexistência de testemunhos extra-bíblicos convincentes não se pode deduzir tão fácil e imediatamente a inexistência dos actores bíblicos ⁷⁰. É uma conclusão muito forçada ⁷¹, e mais ainda depois das descobertas de tel-Dan ⁷². A estela de tel-Dan passou a ser incontornável numa análise séria e honesta deste período, mesmo dando crédito à ideologia subjacente à narrativa deuteronomista. Não podemos, com efeito, escapar a este testemunho da *casa de David* (beit-David). Neste contexto, Gosta W. Ahlstrom aceita correctamente que «a historicidade do reino davídico-salomónico não pode ser posta em dúvida. Os escritores bíblicos terão feito David e Salomão maiores do que o que foram. Isto faz parte do estilo» ⁷³. Deste modo, é lícito, *em certa medida apenas*, considerar que o período salomónico terá efectivamente atingido na sua actividade de construção um apogeu, uma ilustração, uma iluminação ⁷⁴.

De um modo geral, a era salomónica caracteriza-se arqueológica e arquitecturalmente pelos seguintes elementos: cidades com portões de câmara múltipla, muros em casamata, edifícios eminentemente em alvenaria de silha, um plano urbanístico central (radial), e palácios semelhantes aos *beit-hilani* do norte da Síria. Nos lugares proeminentes de Gézer, Megido e Hazor (1 Re 9, 15-19) as muralhas em casamata das cidades poderão ser apresentadas como elementos constitutivos do período do Ferro IIA. As muralhas sólidas de resalto perpendicular remetem-nos preferencialmente para o séc. IX a.C., já para o período da monarquia dividida, em que os reis sentiram uma maior necessidade e utilidade de bons sistemas defensivos. De qualquer modo, é inegável que o período salomónico destacou-se pelo número e pela qualidade das construções.

JOSÉ CARLOS CARVALHO

⁶⁴ Cf. MAZAR - *Archaeology*, p. 371; cf. NA'AMAN, Nadav - *The Contribution of Royal Inscriptions*, p. 4-6.

⁶⁵ DEVER - *Monumental Architecture*, p. 270.

⁶⁶ Cf. *ibidem*, p. 281.

⁶⁷ MILLER; HAYES - *A History*, p. 160.

⁶⁸ MILLER - *Solomon*, p. 29.

⁶⁹ Cf. WIGHTMAN, G. J. - *The myth of Solomon*. *BASOR* 277-78 (1990) 5-22.

⁷⁰ Cf. MILLARD, A. R. - *Texts and Archaeology: weighing the evidence. The case of king Solomon*. *PEQ* 123 (1991) 19-27.

⁷¹ Cf. LANCE, H. Darrel - *The Old Testament and the Archaeologists*. London, 1981, p. 88.

⁷² Cf. BIRAN - *Biblical Dan*.

⁷³ AHLSTROM - *The History*, p. 541.

⁷⁴ Cf. *ibidem*, p. 538.